

# Crescem os meios de pagamento

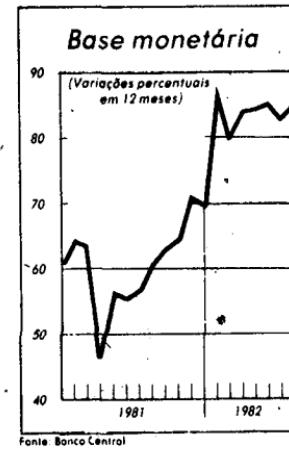
b economia - *prau*

16 AGO 1982

por Célia de Gouvêa Franco  
de Brasília

A expansão monetária acelerou-se ligeiramente em julho. É verdade que a taxa dos meios de pagamento (depósitos a vista nos bancos e dinheiro em poder do público) foi, isoladamente, bastante reduzida, não passando de 1%. Em comparação com os anos anteriores, porém, esse 1% pode ser considerado excessivo, pois, tradicionalmente, em julho há queda no saldo dos meios de pagamento. Em 1981, por exemplo, houve retração de 0,1%.

Essas quedas usuais explicam-se pelo crescimento exagerado dos depósitos a vista em junho, quando os bancos procuraram obter um melhor efeito em termos de balanço semestral. Em julho, normalmente ocorre uma retração. Desta vez, houve diminuição, efetivamente, nos depósitos dos bancos comerciais, de 2,8%. Mas no Banco do Brasil observou-se um crescimento bastante vigoroso de 7,8%. O papel-moeda em mãos do público apresentou expansão igualmente



forte, de 8,9%, explicável em parte pelas férias escolares e maior movimento de turismo interno.

Além disso, a taxa anual dos meios de pagamento elevou-se a 76,4%, segundo as estimativas sexta-feira divulgadas pelo Banco Central, sendo essa a segunda vez, apenas, neste ano, em que esse índice cresce. Essa expansão, no entanto, não pode ser considerada excepcional, pois se mantém ainda distante do crescimento dos preços — a inflação praticamente voltou à casa dos 100% no período terminado em julho.

Também a base monetária — o indicador que mede a emissão primária de moeda — experimentou, no último mês, crescimento em termos de taxa de doze meses, passando de 83,1% em junho para 84%. O aumento do mês foi de 6,8%, em parte refletindo as pressões provocadas pelo crescimento de 14% nos depósitos a vista em junho.

O crescimento um pouco mais forte dos indicadores monetários em julho poderá constituir-se, entretanto, em exceção neste segundo semestre. As medidas adotadas na última semana pelo Conselho Monetário Nacional, especialmente quanto à emissão de debêntures e destinação de mais recursos bancários para o setor agrícola, deverão ajudar a estreitar a liquidez do sistema financeiro como um todo.

Além disso, o open market poderá voltar a contribuir para apertar os controles. Em julho, a mesa de open do BC acabou retiran-

do papéis do mercado financeiro e injetando dinheiro num total de Cr\$ 23,4 bilhões.

De qualquer forma, mesmo com esse aumento, em termos anuais, do último mês, os indicadores monetários continuam bem abaixo da inflação. Essa constatação, aliás, tem justificado a expectativa de alguns especialistas de que, neste segundo semestre, a liquidez será bem mais apertada do que no início do ano — com reflexos positivos no combate à inflação. No segundo trimestre, a inflação anualizada superou 110%, mais de 20 pontos percentuais acima dos meios de pagamento e, com a defasagem de alguns meses, essa distância deverá ter um impacto considerável na liquidez e, em consequência, nos preços.

Talvez já como indicador desse maior aperto de liquidez esperado, as operações de crédito bancário cresceram mais vigorosamente em julho, de acordo com o BC. O saldo dos empréstimos dos bancos comerciais e Banco do Brasil aos setores público e privado atingiu Cr\$ 8.844 trilhões, com crescimento de 4,8%, o menor desde março. E a expansão em termos de doze meses caiu para 94,3%, a taxa mais baixa de todo este ano.